

Lembranças de uma história milenar

Mesmo depois de tantos terremotos e ataques militares, a Calábria conserva sua beleza graças à força de seu povo, que a reconstruiu ao longo dos anos

Por Edoardo Coen

Imagens: Ente Nazionale Italiano per il Turismo (Enit)

A Calábria dos romanos, até o século VII, era a península Salentina (Lecce). Somente no ano 650 d.C. os bizantinos deram o nome Calábria a toda a região de Brutium (extremo sul italiano, correspondente ao istmo formado pelos golfos de Santa Eufêmia e de Squillace e rematado pelo estreito de Messina). Hoje, entende-se por Calábria a região a sudeste da linha que corre entre Cetrano, no mar Tirreno, e as fozes de Crati, no golfo de Taranto. É formada pelo último trecho da cordilheira dos Apeninos, área com 210 quilômetros de comprimento até o estreito de Messina e com uma variação de 30 a 100 quilômetros de largura.

Por causa de sua posição central em relação ao mar Mediterrâneo, a Calábria foi, desde o século VIII a.C., palco de várias invasões. Primeiro dos gregos, que, fundando em suas costas as cidades de Sibari e Crotona, fizeram da região o berço da cultura insuperável da Magna Grécia. Em seguida,

romanos, greco-bizantinos, normandos, angevinos e aragoneses sucederam-se na Calábria até os inícios do século XIX, quando, somada a outras regiões do sul italiano, fez parte do Reino das Duas Sicílias. Este último período foi de decadência e abandono, agravado em 1783 por um terremoto que arrasou cidades e lugarejos da Calábria.

Com a incorporação ao Reino da Itália em 1860, as condições de vida melhoraram, mas houve frequentes e longos períodos de crise decorrentes da primitiva economia da região e do fenômeno migratório, que deixou marcas profundas em todos os setores da sociedade calabresa. Somente com o fim da 2ª Guerra Mundial, e com o advento da República, houve um desenvolvimento acelerado dos centros turísticos do litoral, acompanhado por uma grande expansão dos núcleos urbanos.

Crotona, cidade banhada pelo mar Jônico, tem fortes influências da cultura grega



O Duomo de Cosenza, restaurado em 1184, mantém o estilo românico original

Percorrendo a Calábria

O aspecto dos centros habitados calabreses é pobre, e para isso contribuíram os sucessivos terremotos que destruíram obras de arte notáveis e forçaram a substituição de um estilo arquitetônico próprio por um conjunto de construções anônimas.

A essência da Calábria pode ser encontrada nos antigos caminhos que levam a burgos seculares arraigados em colinas e montes, numa terra de ásperos relevos desenhados pelo curso das torrentes. O povo calabrés, apesar das dificuldades resultantes dos maus governos que se sucederam no transcorrer dos séculos, soube conservar uma genuína fé religiosa, aliada a um amor profundo pela própria terra. Seus hábito seguem os costumes e as tradições populares transmitidos pelos povos que invadiram a Calábria no passado.

Iniciaremos nossa viagem pela auto-estrada A3, que, partindo de Nápoles, alcança *Reggio di Calabria* na extremidade da península italiana. Essa estrada acompanha o mesmo traçado da antiga via consular romana *Popilia*, que por um longo período foi o único percurso de acesso ao território. Depois de poucos quilômetros, à esquerda tem-se a visão de *Laino Castello*, vilarejo coroado com as ruínas de um castelo e protegido por muralhas medievais. Suas ruelas são ladeadas por antigas casas construídas em pedra e por palacetes de três andares. Dentro deles, em forma de arco, pequenos brasões permitem identificar seus antigos proprietários. Os que ostentam uma coroa são edifícios

construídos no século XIX; já os que exibem o relevo de um lírio pertenciam a antigos comerciantes que, substituindo a coroa, exprimiam sua fidelidade aos Bourbons franceses. Mais adiante, o perfil de *Morano Calabro*, um povoado realmente único que conserva a fisionomia primitiva: um cone moldado por antigas casas que tem, no seu vértice, as ruínas de um castelo normando do século XIII. As ruas são em degraus e formam um intrincado labirinto com as casas, as cocheiras e as velhas estruturas rurais, que marcam a característica pastoril do burgo.

As igrejas mais interessantes podem ser encontradas na área baixa: a da Colegiada da Madalena, construída em cruz latina, com sua torre campanária em cúspide e sua cúpula decorada com maiólicas (cerâmicas porosas) coloridas; e a igreja de São Bernardino, que foi restaurada e mantém o estilo original do século XV.

Prosseguindo a viagem, aparece *Altomonte*, chamado antigamente *Brahalla*, termo de origem árabe. Em seguida foi chamado de *Altofiume* e assumiu o nome atual em 1352 por vontade da rainha Joana II de Nápoles. Entre seus monumentos mais bem conservados destaca-se a igreja Santa Maria della Consolazione, o maior edifício sacro em estilo gótico da Calábria, com sua fachada decorada com uma finíssima rosácea. Anexo à igreja há um museu com preciosas pinturas, entre as quais a representação de São Ladislao di Ungheria, da artista Simone Martini.

À esquerda da A3, encontramos a cidade de

Corigliano Calabro. O burgo nos aparece sobre uma colina circundada de oliveiras, com um castelo que parece dominar as casas em volta. Diz a lenda que o nome tem sua origem no grego *korion elaion*, que significa "jardim do azeite". Fundado no século XI, o núcleo original é o característico bairro *Ognissanti* com suas ruelas tortuosas. Digna de ser visitada é a igreja Madonna del Carmine, que conserva as três entradas em pedra, preciosas como o testemunho de uma interpretação meridional da arte gótica. Aos nossos olhos agora se descortina *Rossano*, que surge como uma ilha no mar verde das oliveiras. Fundada na época do Império Romano, a localidade teve sua maior importância na época bizantina no século VIII, a ponto de ser chamada de Pequena Ravenna. Em 1836, um catastrófico terremoto a destruiu quase que por completo e, por isso, seus edifícios e casas, principalmente os palácios do centro histórico, são parte dos esforços empregados para a reconstrução da cidade.

Atração imperdível é a igreja bizantina de São Marco, no extremo limite do planalto rochoso, que foi construída entre os séculos X e XI em forma de cruz grega. No Museu Diocesano, está conservado o *Codex Purpureus Rossanesis*, um dos mais preciosos dos documentos medievais, que reproduz os evangelhos de São Mateus e de São Marcos.

A nossa viagem prossegue. De *Rossano* nos dirigimos para *Cosenza*, que é um dos maiores centros da região, assim como *Reggio di Calabria* e *Catanzaro*. Construída a 240 metros acima do nível do mar, chamava-se antigamente *Cosentia* e era a capital dos Brutius, um antigo povo da região, antes da dominação romana. Três violentos terremotos, em 1783, 1854 e 1870, arrasaram o seu tecido urbano, transformando em escombros os testemunhos de sua história milenar.

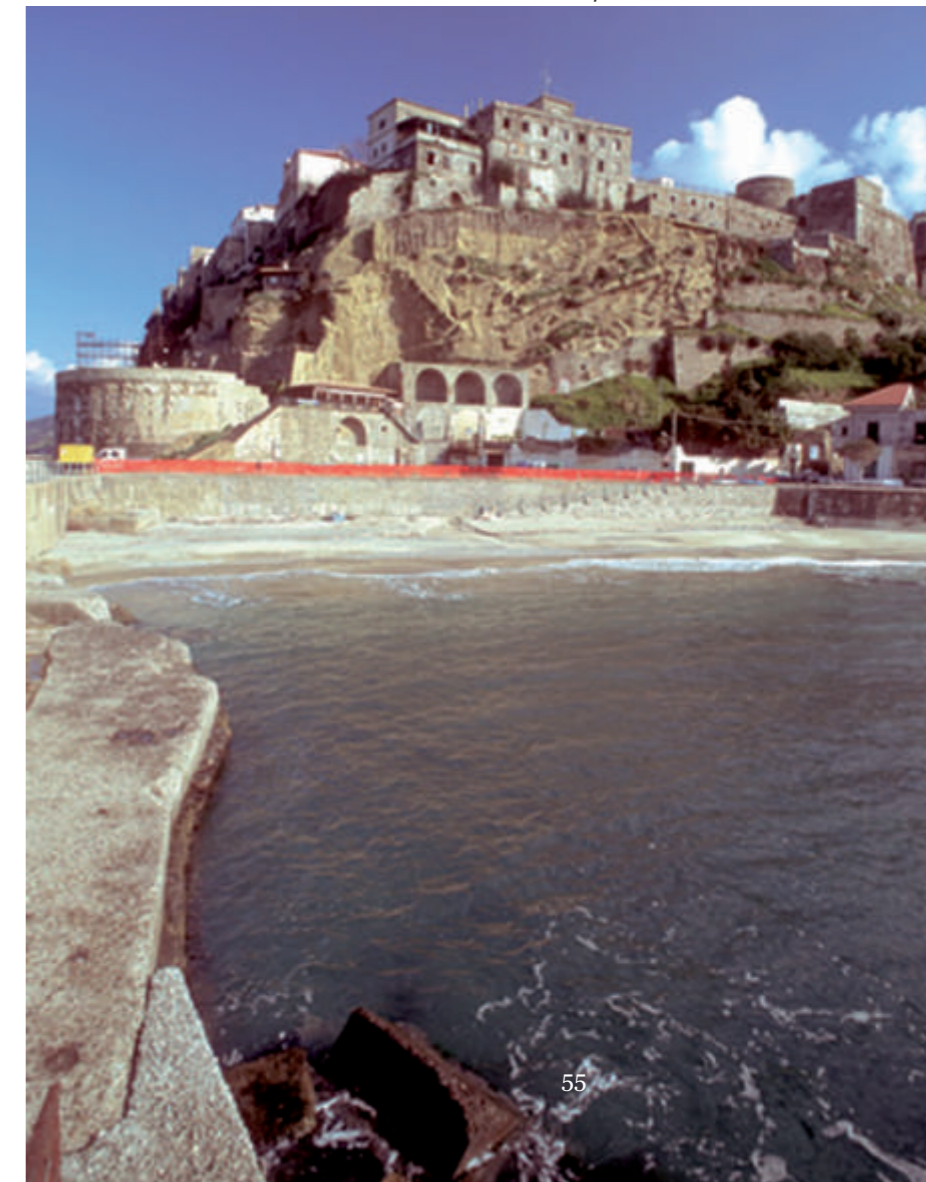
A Catedral, construída em 1185 em estilo românico-normando, foi restaurada em 1750 e conserva o portal e a rosácea na fachada. Em seu interior preservam-se os túmulos de Isabel, esposa do rei Felipe III da França, e o de Luís de Anjou, morto em 1435, dezoito meses depois de seu casamento com Margherita de Savoia. Seguiremos agora pela auto-estrada A3 até o vilarejo de *Sant'Eufemia Lamezia*. Depois de 37 quilômetros numa estrada secundária, chegamos a *Catanzaro*. Fundada no século IX como burgo fortificado pelos Bizantinos para fazer frente às incursões dos sarracenos, também *Catanzaro* foi devastada pelos terremotos. A sua Catedral, refeita em estilo neoclássico no século XVIII, teve seu traçado românico original desfigurado. Outras igrejas, como San Domenico, San Rocco e a Immacolata também se descaracterizaram no decorrer das reformas.

Tomaremos agora uma estrada que, beirando o litoral banhado pelo mar Jônio, nos levará até *Stilo*, situada ao pé do monte Consolino e cercada pelos restos de antigas muralhas, no silêncio de uma natureza áspera e selvagem. A

cidade é conhecida por ser o local onde nasceu o filósofo Tommaso Campanella e por abrigar um pequeno templo chamado Cattolica, raro exemplo de uma tipologia difundida na Grécia e na Ásia Menor. O burgo conserva na arquitetura das construções uma singela marca medieval. As grutas escavadas na montanha, chamadas *laure*, foram as primeiras moradias dos monges eremitãos do Oriente, como comprovam alguns afrescos ainda visíveis nas paredes.

A Cattolica é uma construção de mínimas proporções que possui cinco cúpulas cilíndricas, entre as quais a central: a mais alta. Por fora, tijolos vermelhos recobrem o templo, que abriga valiosos fragmentos dos afrescos bizantinos. Na pequena península no lado oposto a *Stilo*, na província de Vibo Valentia e região de Tropea, está *Capo Vaticano*, famosa pelas belas praias procuradas por turistas e por paleontólogos interessados em estudar os sedimentos do período Quaternário, presentes em seu solo. A 36 quilômetros, alcançamos *Gerace*, a "cidade dominadora", como foi chamada na Idade Média, por ser "guardiã" dos territórios circunstantes. Atacada muitas vezes pelos piratas sarracenos no século X, foi razão de ásperas disputas no decorrer do período medieval. Esses séculos

Praia de Vibo Valentia, província banhada pelo mar Tirreno





A terra áspera da Calabria, no Altopiano della Sila

deixaram testemunhas notáveis, principalmente a Fortaleza e a Catedral, autênticas jóias arquitetônicas e artísticas. A Catedral, de origem bizantino-normanda e consagrada em 1045, foi restaurada várias vezes e possui três naves divididas por vinte colunas.

A Fortaleza, já existente em 950, quando a cidade resistia aos ataques dos árabes, foi construída em volta de uma poderosa torre central. Na Idade Média era acessível apenas por meio da ponte levadiça. Hoje, está reduzida a escombros.

Atravessando a ponta da bota italiana, a 40 quilômetros, está *Scilla*. A cidade deve o seu nome ao monstro mitológico, que, de acordo com antigos moradores da região, jogava os navios contra os rochedos. Como todas as localidades da região, que periodicamente eram saqueadas pelos piratas, *Scilla* tem também o seu castelo construído na segunda metade do século III e reforçado no século V pela família Ruffo. Assim como a construção é o emblema do poder cível e militar do lugar, a igreja dello Spirito Santo é o símbolo da devoção popular. Construída no século VIII, ostenta uma delicada fachada barroca.

Reggio di Calabria, na ponta da península italiana, foi fundada por colonos gregos e tem o seu nome derivado do verbo grego *rhegin*, com o significado de "partido", "quebrado", definição que se refere ao processo que separou a Itália da Sicília. A cidade foi assolada em 1908 por um terremoto que a reduziu a escombros e provocou a morte de

12.000 pessoas. Hoje, é uma cidade nova e moderna. Interessantes, do ponto de vista turístico, são as torres quatrocentistas do Castello e o Duomo em estilo românico. A última cidade a conhecer é *Pentedattilo*. Numa paisagem misteriosa e atormentada, entre corroídas cristas de rocha, ela se esconde à sombra de um rochedo. A natureza deu ao gigantesco penhasco a forma de uma mão, origem do nome do povoado, que deriva do termo greco-bizantino *pentadaktilos* (cinco dedos). O centro, de origem bizantina, viu entre os séculos III e V florescerem igrejas e mosteiros do rito greco-bizantino. Hoje sobrou apenas a igreja di São Pietro e Paolo, em péssimo estado de conservação, e a igreja da Candelora, próxima a um convento dominicano em ruínas. Agora podemos realmente dizer que a nossa viagem terminou. É hora de deixar esta terra áspera e doce, cheia de tradições e lendas, onde o tempo parece ter estacionado por um momento de magia.

